

UMA PSICOLOGIA SOCIAL BASEADA NO MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO: DA EMOÇÃO AO INCONSCIENTE

Silvia T. M. Lane

I — Introdução

A década de 60 se caracterizou pela "crise" da Psicologia Social, consequência direta da euforia que marcou as pesquisas e experimentos de uma nova área da Psicologia surgida no após II Guerra Mundial. Como bem lembra Allport e outros a ela caberia encontrar soluções para as guerras e conflitos, tornando a humanidade mais feliz.

A guerra havia ensinado que as pesquisas podiam dizer sobre procedimentos para influir nas relações sociais e nas atitudes e valores dos homens, portanto cabia à Psicologia Social estudar estas relações visando sempre mudanças e transformações dos seres humanos — na sua base havia um caráter eminentemente prático.

A teoria e as pesquisas de Lewin são um belo exemplo desta preocupação que, no entanto, encontrou oposição de alguns cientistas que consideravam a Psicologia, em especial a Social, ainda muito incipiente para permitir teorias globais sobre o comportamento humano — deveríamos estudar os fenômenos psicológicos elaborando pequenas teorias até que um dia seria possível juntá-las todas numa teoria única. (L. Carmichael em 1955).

Sem dúvida é esta a segunda posição que prevalece e temos uma Psicologia Social constituída de tópicos ou conceitos sem a preocupação de maiores interrelações. Estuda-se Atitudes, Percepção Social, Motivação Social, Socialização, Dinâmica de Grupos e os problemas relacionados tais como: o preconceito, as diferenças decorrente de sexo, raça, cultura, etc.

Esta crise nos levou, na década de 70, trabalhar com alunos de pós-graduação numa revisão conceitual da Psicologia Social à luz de pesquisas e experimentos. O Abstracts era fonte inicial de referência que nos levava a relatos de pesquisa sobre cada um dos conceitos e a inconsistência entre eles era desanimadora, ou então comprovava-se o óbvio, também desanimador. Após alguns semestres de cursos nesta direção, tinha-se a impressão que estávamos "desmontando" a Psicologia Social sem nada para colocar no lugar.

Será que o problema estava nos conceitos e nas pesquisas decorrentes ou ele seria de outra natureza?

O que vem a ser a ciência do homem, no que constitui a sistematização do saber?

Caberia, então talvez, à Filosofia nos dar estas respostas: da concepção de homem até a epistemologia. Uma revisão dos princípios positivistas, funcionalistas e da fenomenologia se fazia necessária, assim como dos pressupostos que norteavam as principais teorias psicossociais.

E a primeira questão que se colocou foi, lembrando Leonard Carmichael, se era possível fragmentar o homem em pequenas teorias ou a Psicologia deveria estudá-lo como uma totalidade? E, aqui, é George Politzer quem levou a uma reflexão mais profunda, fazendo a crítica ao estudo do que se chamou de aptidões (inteligência, personalidade, percepção, etc.) que jamais levariam à compreensão do homem concreto.

O objeto da Psicologia deveria ser o "drama".

E aí ele pára e abandona a Psicologia...

Nesta direção, Reich avança mais ainda negando a dicotomia físico-psíquico, mostrando o risco que seria tornar o psiquismo um "homúnculo" metafísico.

Voltando para as teorias globais da Psicologia — Lewin e Skinner — podemos observar que enquanto o primeiro parte fundamentalmente da subjetividade e procura objetivá-la experimentalmente, e encontra obstáculos metodológicos intransponíveis (veja a sua teoria dinâmica da Personalidade). O segundo parte da objetividade e, a todo momento depara com a subjetividade (veja a sua análise do pensamento como comportamento e seu conceito de auto-controle e contra-controle). E, o mais interessante é que ambos se defrontam com o caráter dinâmico do psiquismo humano: são as forças que agem num espaço topológico; é o processo de aprendizagem que é mais importante do que a topografia das contingências de reforçamento — que por sua vez, só são aprendidas na interrelação entre Estímulo-Comportamento-Conseqüência.

Tudo nos indicava que nos deparávamos com uma importante contradição: objetividade X subjetividade e sua conseqüência metodológica: a descrição estática X a dinâmica, o movimento histórico, que caracteriza o homem.

É ainda a Filosofia que nos levou a refletir sobre a natureza histórico-social do ser humano, sobre o processo de "hominização" decorrente da necessidade de sobrevivência e para tal, foi necessário inventar a ferramenta e, para transmitir a sua invenção, teve que inventar a palavra. Daí para a abstração de espaço e tempo foi um passo (de séculos) que lhe permitiu criar uma cultura, transmiti-la, reproduzi-la, ou seja, viver em sociedade cuja materialidade se caracteriza na História.

Esta natureza histórica do homem se constitui na sua própria transformação biológica: "o homem age sobre a natureza, modificando-a e

ao modificá-la se transforma" como uma unidade indissociável: bio-psicossocial. Aí estava a dinâmica, o processo, tão essenciais para Lewin e Skinner (A primeira frase do cap. I de *Verbal Behavior* de Skinner é "Os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez são modificados pelas conseqüências de suas ações" (p. 15). Paródia?)

II — *Leontiev e as categorias fundamentais do psiquismo*

No final da década de 70 e início da de 80 nos deparamos com a obra de Alex Leontiev, continuador das propostas de Vigotski, e com ele todo um grupo de cientistas soviéticos que haviam sofrido a repressão stalinista à psicologia, dos quais, além de Vigotski, no ocidente só se conheciam os trabalhos de Luria, pois a psiconeurologia era a única admissível.

A Psicologia Social tinha sido banida. Como, então, Leontiev poderia afirmar, impunemente, que toda a Psicologia humana é social? Após o período stalinista este grupo traz a público suas pesquisas e as teorias decorrentes em bases de uma epistemologia materialista histórica e dialética.

Ou seja, o psiquismo humano se constitui na materialidade histórica de cada sociedade, de cada cultura — portanto não há um homem universal e, muito menos, imutável. A ciência psicológica, como qualquer ciência é produto histórico, e assim relativa — se o homem se transforma, o saber sobre ele necessariamente também se transforma.

E em base dialética, quando afirma a unidade dos contrários, permitindo integrar o dilema subjetividade-objetividade no conhecimento do ser humano. A subjetividade se objetiva nas ações do homem sobre o seu meio, assim com este meio e o que constitui objetivamente se torna subjetivo no psiquismo humano.

É também a dialética que permite superar a velha contradição entre teoria e prática, onde a primeira, se caracterizava pela elaboração de noções abstratas que se confundiam com o idealismo e distanciados da realidade, impediam uma prática transformadora. Pois a dialética pressupõe que através da pesquisa cheguemos a categorias, que não são apenas lógicas, mas também ontológicas e gnoseológicas. Ou seja, o saber e o pensamento tem suas raízes na realidade e portanto nossas ações decorrentes deste saber atuam diretamente sobre a realidade. É a ciência como práxis. Ou seja, a comprovação da teoria se dá através da transformação da realidade pela prática decorrente dela.

E partindo destes pressupostos epistemológicos e diante das pesquisas realizadas pelo seu grupo, que Leontiev sistematiza as três categorias fundamentais do psiquismo: Atividade, Consciência e Perso-

nalidade. As três estão interrelacionadas, umas determinando as outras, através da mediação da linguagem e do pensamento, o que implica no Outro — ou seja, no grupo social, na ideologia veiculada e produzida pelas instituições e no trabalho produtivo socialmente organizado.

Estas categorias, de alguma maneira, estão presentes em todas as teorias psicológicas: o homem se comporta, o homem pensa o seu mundo e a si mesmo, o homem é individualidade — é único. Porém, agora em um nível que extrapola o empírico e lhe dá um significado novo e diferente.

Desta forma comportamentos ou ações observadas empiricamente, re-examinadas como seqüência de um processo mais amplo adquirem uma nova significação — e este processo mais amplo é a sua re-inserção no conjunto de atividades desenvolvidas socialmente. O exemplo clássico que Leontiev dá, é de uma caçada onde existem os batedores e os abatedores — examinados isoladamente as ações parecem contraditórias mas no seu conjunto, elas adquirem um novo sentido.

O mesmo ocorre com a consciência. O discurso que fala das representações do mundo de algum indivíduo e das ações e operações que ele realiza devem ser analisadas no contexto social onde ele é produzido, detectando-se os conteúdos ideológicos e as contradições entre o discurso e a prática que nos permitirão dizer se se trata de uma consciência fragmentada ou se ele tem clareza das condições históricas e sociais em que vive. Estes conteúdos da consciência são elaborados, fundamentalmente, pela linguagem e pelo pensamento — mediação esta que levou Vigotski a afirmar que “a palavra é o microcosmos da consciência”.

A categoria Personalidade é, talvez, a menos pesquisada por Leontiev e, conseqüentemente, a mais ambígua. A individualidade se constitui nas relações com os outros levando à permanência de certas características que identificam a pessoa, ao longo de sua história. Esta é uma categoria que nossas pesquisas sugeriram algumas reformulações como explicitaremos adiante.

III — *A Questão Metodológica*

Tenho considerado as categorias propostas por Leontiev como estruturas vazias que nos dão “dicas” para as pesquisas que deverão recheá-las a partir da especificidade de nossa realidade histórica e social permitindo encontrar as características próprias do psiquismo de indivíduos inseridos em nosso meio. Portanto para que elas adquiram um significado concreto é necessário que se pesquise sistematicamente, acumulando dados descritivos com toda a precisão do registro em-

pírico, que analisados permitam encontrar significados que os aproximem do concreto.

A psicologia positivista nos ensinou procedimentos e técnicas precisas de como registrar o empírico, porém os procedimentos de análise, que não fossem meras interpretações, se tornou o desafio metodológico. A análise deveria permitir o retorno ao empírico de uma forma consciente e inequívoca — É este o desafio que enfrentamos no momento.

Nas pesquisas que partem para investigar a consciência, os “velhos” estudos de caso têm se mostrado muito ricos: relatos de história de vida, o discurso livre que se constitui em representações que o indivíduo faz de si e do mundo que o cerca, constituem o dado empírico a partir do qual procedimentos de análise do discurso podem permitir detectar o ideológico, as contradições e o próprio pensamento que engendrou o discurso.

Nesta direção desenvolvemos uma técnica que denominamos “análise gráfica do discurso” que nos permite detectar os “núcleos” de pensamento que geraram o discurso sem esfacelá-lo em temas ou categorias, mantendo a originalidade empírica, e assim dar a consistência desejada à análise que desvenda novas significações.

Além do discurso, o estudo de caso exige dados que a psicologia tradicional chama de variáveis independentes e que, para nós, localiza o indivíduo no contexto histórico e social que o produziu: idade, sexo, educação, profissão, etc., etc. Desta forma podemos inserir o nosso empírico na história individual que por sua vez, se insere na história social — nesse movimento a contribuição da sociologia, antropologia, enfim das ciências humanas, é essencial.

Uma outra vertente metodológica que tem se provado bastante rica é estudarmos os indivíduos no seu cotidiano e captarmos o processo ocorrendo. Aqui o registro empírico é mais complicado, porém as técnicas de observação, principalmente, as assistemáticas, as de observação participante, a etográfica dão subsídios para um registro empírico consistente. Não entraremos aqui no detalhamento dos problemas envolvidos em Pesquisa Participante, muito bem analisados e discutidos por Bader B. Sawaia em sua tese de doutoramento e em outros trabalhos publicados recentemente. O importante é ressaltar que a pesquisa participante nos permite acompanhar durante um certo tempo o processo de vida social de um grupo e dentro dele, entendermos as atividades e consciências individuais que se desenvolvem num contexto histórico mais amplo.

É a individualidade se manifestando no conjunto de suas relações sociais e no cotidiano de suas ações.

Também os pequenos grupos foram estudados, observando-se grupos se processando, através da presença do pesquisador em todas as ocasiões em que o grupo se encontrava durante um certo período de tempo.

É um procedimento já relatado no capítulo sobre Processo Grupal no "Psicologia Social: o homem em movimento".

Através destes recursos metodológicos pudemos precisar conteúdos psíquicos próprios de nossos sujeitos, relativos às categorias fundamentais do psiquismo humano, assim como, aclarar as mediações entre elas.

Uma das preciosas contribuições da pesquisa participante realizada por Bader B. Sawala foi a de detectar a importância das emoções, ao lado da linguagem e pensamento, no nível do indivíduo, como mediação essencial entre as categorias estudadas.

Outra mediação significativa, agora no nível social, surgiu da análise de processos grupais, mostrando a importância do grupo para a troca e reflexão de experiências, vivências, permitindo aclarar os conteúdos ideológicos veiculados institucionalmente e assim propiciar movimentos de consciência dos indivíduos envolvidos no processo.

Também os Estudos de Casos permitiram rever a categoria Personalidade e a precisarmos melhor em termos de identidade, superando assim o caráter idealista de uma "essência" da individualidade.

A dialética se faz presente na unidade dos contrários encontrada nas pesquisas das categorias.

IV — Avanços

Se a lógica dialética fala da unidade dos contrários, as pesquisas que objetivam encontrar conteúdos para as estruturas categoriais devem, a nível ontológico, nos levar a contradições, ou seja, a consciência deve implicar no inconsciente; a atividade, na passividade e a identidade em sua negação.

De fato, algumas pesquisas apontam claramente para a unidade destes contrários.

Estudos sobre a consciência de sujeitos gagos e outro sobre idosos, apresentaram através da análise, a identidade social como uma categoria fundamental para a compreensão do movimento da consciência. Ao mesmo tempo, Antônio da Costa Ciampa realizava um estudo de caso: a história de Severina, onde o caráter dinâmico da identidade se apresentava claramente, nos permitindo questionar se identidade, formada no conjunto das relações sociais e num processo dinâmico não se tratava de categoria denominada por Leontiev de Personali-

dade.

É também o estudo de Ciampa que aponta para a contradição da identidade como metamorfose e como cristalização, como vida e morte, como criação e destruição.

Os estudos sobre Atividade, basicamente aqueles que analisam o trabalho humano e a saúde mental, como vem fazendo a equipe liderada por Wanderley Codo vem esclarecendo a questão da alienação — tão estudada pela sociologia —, indicando que a alienação social produzida pelo trabalho traz na sua outra face a alienação mental, ou seja, o sofrimento psicológico. O trabalho criativo, cria o homem, o trabalho repetitivo, rotineiro, sem sentido pessoal, o destrói psicologicamente.

Por outro lado, a presença da emoção como uma mediação essencial para o movimento da Consciência, para o desencadear de atividades e na produção da identidade, vem apontando para a importância dos conteúdos inconscientes.

A pesquisa realizada por Klaus Scherer e outros sobre aspectos sociais das emoções, da qual participamos, permitiram algumas observações e questionamentos.

Um primeiro fato é que temos maior número de palavras para nos referirmos a emoções negativas do que às positivas, sugerindo a necessidade social de comunicarmos as negativas para os outros afim de encontrar soluções que as resolvam. E neste aspecto os estudos de Wallon sobre as emoções na infância trouxeram importantes contribuições, principalmente quanto ao seu caráter contraditório: ao mesmo tempo que as emoções paralisam nossas ações, elas desencadeiam atividades mentais que levam a ações em direção ao restabelecimento de um equilíbrio homeostático.

Se tomarmos o caráter instrumental da linguagem, por um lado, e os conteúdos ideológicos veiculados pelas palavras, de outro lado e as emoções exigindo soluções, principalmente as negativas, nos parece evidente que conteúdos inconscientes, principalmente na primeira infância onde o verbal é incipiente mas a ação ideológica está presente nos valores emitidos pelos comportamentos dos adultos (o "Não" é provavelmente a palavra mais emitida pelos pais), geram na criança emoções negativas para as quais ela não encontra soluções, permanecendo assim contidas e se manifestando de formas indiretas e/ou simbólicas — Processo este que Freud descreveu com grande precisão.

Estamos ainda em um terreno bastante hipotético, mas tudo indica que não podemos pensar a consciência sem pensarmos o inconsciente, e se a linguagem e pensamento constituem a primeira, são as emoções que formam o segundo.

Neste momento há uma pesquisa em fase final sobre processo gru-

pal e movimento da consciência dos indivíduos que permitiu à autora, Mônica Galano, detectar toda uma tecitura de mitos, afetos, e ideologia que permeiam as relações entre os membros de forma inconscientemente impedindo que emoções negativas aflorem com clareza à consciência — o que representaria a morte do grupo e o fim de uma atividade conjunta.

É uma primeira contribuição na direção das investigações sistemáticas sobre a emoção, consciência-inconsciência, atividade-passividade, identidade-massificação. Em todas as pesquisas em andamento há uma questão obrigatória: É o que você *sentiu* ou *sente*?

Uma reflexão final que vem nos perturbando, ultimamente, é: por que a Psicologia se afastou dos estudos sobre emoções — são raros os trabalhos atuais (exceção do grupo de Sherer) preocupados com o assunto. E isto parece ocorrer tanto entre nós como entre os soviéticos. O próprio Leontiev fala pouco sobre emoções, sem porém negá-las.

A obra de Bassine — O Problema do Inconsciente —, publicada em Moscou em 1973, faz uma análise histórica das teorias sobre o Inconsciente e poucas referências são feitas às emoções, fala-se em pulsões, afetos, sentimentos, mas não em emoções.

Seria a necessidade de enfatizar a racionalidade do homem e assim manter o seu poder?

Referências

- Allport, G. The Historical Background of Modern Social Psychology in Lindzey & Aronson — The Handbook of Social Psychology, 2nd Ed., Addison — Wesley Pub. Co., Reading Mas., 1969.
- Bassine, Ph. The Probleme de l'inconscient, Editions MIR, Moscou 1973.
- Ciampa, A. C. A Estória de Severino e a História de Severina, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1987.
- Golder, M. Reportajes Contemporaneos a la Psicologia Sovietica, Editorial Cartago, B. Aires, 1986.
- Lane, S. T. M. Análise Gráfica do Discurso in Psicologia e Sociedade, Ano IV, nº 7 (no prelo).
- Lane, S. T. M. Processo Grupal — in Psicologia Social — O Homem em Movimento, org. por Lane S. T. M. & Codo, W., Ed. Brasiliense, São Paulo, 1984.
- Lane, S.T. M. e Sawaia, B. B. Psicologia: Ciência ou Política — Pré-Print, EDUC, São Paulo, 1988.
- Leontiev, A. O desenvolvimento do Psiquismo, Livros Horizontes, Lisboa, 1978.

Actividad, Conciencia y Personalidad. Ed. Ciências del Hombre. B. Aires, 1978.

Lewin, K. Principles of Topological Psychology — Mc Graw Hill, Nova York, 1936.

A dynamic theory of Personality — Mc Graw Hill, Nova York, 1935.

Politzer, G. Psicologia Concreta, Jorge Alvarez Editor, B. Aires 1965.

Sawaia, B. B. A Consciência em Construção no Trabalho da Construção da Existência, Tese de Doutorado, PUC/SP, 1987.

Scherer, K. & Summerfield, A. B., Wallbot, H. G. Cross National Research on antecedents and components of emotion: A progress report in Social Science Information, 22, 3 (1983) p.p. 355- 385.

Skinner, B. F. O Comportamento Verbal. Trad. M. da Penha Villalobos, Ed. Cultrix, S. Paulo, 1978.

Vigotski, L. S. Pensamento y Lenguage, Editoria la Pleyade, B. Aires, 1973.

Wallon, H. Les debuts de la sociabilité; l'activité proprio-plastique. In: Encyclopédie Française; la vie mentale; Paris, Larousse, 1938.

Silvia T. Lane

CPG Psicologia Social

Instituto de Psicologia — PUCSP

Rua Monte Alegre, 984

05014 São Paulo SP